



Ensaio

Estudos Pós-Coloniais e Antirracismo

Postcolonial Studies and Antiracism

Estudios Poscoloniales y Antirracismo

Études Postcoloniales et Antiracisme

Gislene Aparecida dos Santos¹

¹ Graduada e mestre em Filosofia, doutora em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano e Livre docência em Filosofia pela Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil. Atualmente é pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisas das Políticas Públicas para a Inclusão Social e é docente do curso de Gestão de Políticas Públicas, dos Programas de Pós-Graduação em Direitos Humanos e de Pós-Graduação Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades da Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.

Resumo

O presente texto reflete sobre a área dos estudos pós-coloniais. Para diversos autores consideram que a crítica pós-colonial é uma forma ou um produto da resistência ao colonialismo e ao imperialismo. Para outros, o objetivo da compreensão da crítica pós-colonial é associá-la com o momento do passado e o presente que prefacia as críticas feitas pelas teorias multiculturais. Neste texto trazemos também uma reflexão acerca de possíveis estratégias feministas, decoloniais e antirracistas que permitem considerar toda narrativa opressiva que está inscrita no campo das heranças e atualizações das práticas colonialistas e que precisam ser enfrentadas na contemporaneidade.

Palavras-Chave: Direitos Humanos; Racismo; Antirracismo; Estudos Culturais; Decolonialidade.

Abstract

The present text reflects on the area of post-colonial studies. For several authors consider that postcolonial criticism is a form or a product of resistance to colonialism and imperialism. For others, the aim of understanding postcolonial criticism is to associate it with the past moment and the present that prefaces the criticism made by multicultural theories. In this text we also bring a reflection on possible feminist, decolonial and anti-racist strategies that allow us to consider all oppressive narratives that are inscribed in the field of the legacies and updates of colonialist practices and that need to be confronted in contemporaneity.

Keywords: Human Rights; Racism; Anti-racism; Cultural Studies; Decoloniality.

Resumen

El presente texto reflexiona sobre el ámbito de los estudios poscoloniales. Varios autores consideran que la crítica poscolonial es una forma o un producto de la resistencia al colonialismo y al imperialismo. Para otros, el objetivo de la comprensión de la crítica poscolonial es asociarla al momento pasado y al presente que prefigura la crítica realizada por las teorías multiculturales. En este texto también aportamos una reflexión sobre posibles estrategias feministas, decoloniales y antirracistas que permitan considerar toda la narrativa opresiva que se inscribe en el campo de los legados y actualizaciones de las prácticas colonialistas y que es necesario enfrentar en la contemporaneidad.

Palabras Clave: Derechos Humanos; Racismo; Antirracismo; Estudios Culturales; Descolonialidad.

Resumé

Le présent texte est une réflexion sur le domaine des études postcoloniales. Car plusieurs auteurs considèrent que la critique postcoloniale est une forme ou un produit de la résistance au colonialisme et à l'impérialisme. Pour d'autres, l'objectif de comprendre la critique postcoloniale est de l'associer au moment du passé et du présent qui précède la critique faite par les théories multiculturelles. Dans ce texte, nous apportons également une réflexion sur les stratégies féministes, décoloniales et antiracistes possibles qui permettent de considérer tous les récits oppressifs inscrits dans le champ des héritages et des actualisations des pratiques colonialistes et qui doivent être affrontés à l'époque contemporaine.

Mots-Clés: Droits Humains; Racisme; Anti-racisme; Études Culturelles; Décolonialité.

I. Estudos Pós-Coloniais, Decolonialidade e Colonialidade do Poder

Grande parte dos autores que pesquisam na área dos estudos pós-coloniais consideram que a crítica pós-colonial é uma forma ou um produto da resistência ao colonialismo e ao imperialismo. Para outros, o objetivo da compreensão da crítica pós-colonial é associá-la com o momento do passado (e também do presente) que prefacia as críticas feitas pelas teorias multiculturais.

Young (2008), afirma que o discurso pós-colonial é enunciado nos três continentes do sul (América Latina, África, Ásia), ou seja, são investigações e reflexões que assumem diferentes perspectivas tricontinentais como parte do repensar a história das nações e dos continentes que foram colonizados. Essa crítica seria nutrida por um consenso político e moral em torno do legado histórico do colonialismo ocidental.

Para Young, haveria algo particular sobre o colonialismo que deveria ser investigado. Não se deve esconder o colonialismo sob o tapete da Modernidade ou da Pós-modernidade como se os males do passado tivessem sido superados pelos avanços da tecnologia ou mesmo pelas invenções democráticas associadas a direitos humanos, direitos ou instituições que tratam da justiça social global.

Infelizmente os males do passado se perpetuam e se reproduzem. A dominação continua por meio da dominação econômica introduzida no passado e mantida no presente ainda colonialista. Sendo assim, é fundamental avaliar o que o colonialismo trouxe em termos destrutivos para todas as culturas e povos submetidos a essa forma de sistema/poder.

Young avalia que a crítica pós-colonial não foi a primeira a apontar os problemas éticos, políticos e econômicos do colonialismo, mas teria sido a primeira a pesquisar as ramificações do colonialismo em ambas as sociedades colonizadas e colonizadores mostrando que os valores do colonizador se espalharam largamente, incluindo na cultura acadêmica que em grande medida ofereceria como categorias para a reflexão e para o pensamento aquelas que foram criadas sob a égide do colonialismo.

Sabemos (e Young também aponta para isso) que a teoria marxista é considerada central para os estudos pós-coloniais. Os elos entre os estudos pós-coloniais e o marxismo são fortes porque os estudos pós-coloniais mostram que os crimes contra a humanidade são produtos da dominação econômica do norte sobre o sul e o marxismo seria o paradigma para esta crítica. Contudo, mesmo na apropriação das categorias marxistas para a reflexão sobre a colonialidade do poder e para a decolonização é preciso ser crítico, como os autores latino-americanos do grupo Modernidade/colonialidade nos informam.

A avaliação do ponto de vista histórico sobre o colonialismo e sob os vínculos dos estudos pós-coloniais apenas nos introduz aos diferentes modos de se falar sobre o tema.

Poderíamos, por exemplo, assumir a perspectiva de Fanon quem já na década de 1950, em seu livro "Pele Negra, Mascaras Brancas" (1983), ou em "Os Condenados da Terra" (2006), ambos marcos dos estudos pós-coloniais, já sinalizava para as tensões psíquicas e políticas que se entrelaçavam na dialética construção das identidades negra-branca a partir de discursos que negavam o reconhecimento do negro como cidadão pleno. Para o autor, a linguagem patenteia uma das formas dessa opressão. Falar é existir de modo absoluto para o outro. Falar é assumir uma cultura e também é suportar o peso de uma civilização.

Outra opção seria assumir a perspectiva de Spivak quem em seu livro *Pode o subalterno falar?* (2010) foi categórica ao afirmar que os subalternos não têm fala. Subalternos são aqueles que pertencem às camadas mais baixas da sociedade, os excluídos da representação política e legal ou aqueles que não teriam condições de serem reconhecidos ou se tornarem membros plenos do estrato social dominante. São aqueles cuja fala seria silenciada, que não seriam ouvidos, pois suas demandas seriam sempre intermediadas pela voz de outros que atribuiriam a si mesmos o direito de representá-los e falar por eles.

Já com Hall aprendemos que:

o termo “pós-colonial” não se restringe a descrever uma determinada sociedade ou época. Ele relê a ‘colonização’ como parte de um processo global essencialmente transnacional e transcultural - e produz uma reescrita descentrada, diaspórica ou ‘global’ das grandes narrativas imperiais do passado, centradas na nação. Seu valor teórico, portanto, recai precisamente sobre sua recusa de uma perspectiva do ‘aqui’ e ‘lá’, de um ‘então’ e ‘agora’, de um ‘em casa’ e ‘no estrangeiro’. (...) Como Mani e Frankenberg afirmam, o ‘colonialismo’, como o ‘pós-colonial’, diz respeito às formas distintas de ‘encenar os encontros’ entre as sociedades colonizadoras e seus ‘outros’. (Hall, 2003: 109).

Hall (1992) também demonstra como, na formação da Modernidade, se criou um discurso sobre a Europa tomada como centro em referência ao chamado resto do mundo. A própria ideia de ocidente teria sido criada para sustentar um discurso por meio do qual as sociedades seriam classificadas e hierarquizadas. Isso permite que as pessoas falem sobre coisas de um certo modo, produzam conhecimento de um certo modo e a partir de algumas categorias. Isso se torna um fator de organização de um sistema global de relações de poder, se torna um conceito essencial como referência do modo de pensar. Veremos que esse discurso que, em Hall, aparece como a criação do Ocidente em relação ao resto, surge em Quijano como colonialidade do poder.

São vários os autores que podem ser elencados entre aqueles que investigam os efeitos do colonialismo ou que se auto-intitulam estudiosos do pós-colonial. Contudo, para efeitos didáticos, irei organizar a discussão temática a partir dos tópicos e agrupamentos realizados por Castro-Gómez e Grosfoguel (2007).

Para esses autores, podemos considerar a existência de três núcleos centrais em torno dos quais os estudos pós-coloniais se desenvolvem atualmente: o dos *Postcolonial Studies* anglo-saxão; o dos estudos pós-coloniais latino-americanos e um terceiro eixo que seria o dos estudos da decolonização e da colonialidade de poder também desenvolvidos por pesquisadores latino-americanos, mas que não se enquadrariam, especificamente, como pós-coloniais mas sim como algo que completaria ou aprofundaria a perspectiva crítica proposta pelos dois grupos anteriores. Em outras palavras, poderíamos considerá-los como dissidentes.

Para compreender o desenvolvimento da crítica pós-colonial, é preciso saber que, além dos aspectos acima apontados a partir do trabalho de Young (2008), os dois grupos de estudos do pós-colonial (anglo-saxão e latino-americano) concordariam que os principais tópicos da crítica pós-colonial se encontram em alguns tópicos que lhes são essenciais. Ambos assumem que devem ter como objeto:

- 1- A crítica ao desenvolvimentismo
- 2- A crítica ao imperialismo
- 3- A crítica às formas eurocêntricas de produção do conhecimento.

- 4- A crítica a crença em que as epistemologias do norte são capazes de compreender toda a complexidade das diferentes culturas e formações sociais ao redor do mundo.
- 5- A investigação sobre os modos de produção e reprodução das desigualdades entre os gêneros e das hierarquias raciais.
- 6- A investigação sobre os modos de produção de processos culturais e ideológicos que favorecem a subordinação das periferias aos países considerados centrais dentro do modelo/sistema mundo capitalista.
- 7- A investigação sobre como foram assumidos como legítimos os modelos de desenvolvimento provenientes do norte do mundo e, com isso, a reprodução de formas antigas de colonialismo.
- 8- A crítica à caracterização dos países das periferias como sendo sociedades do passado, pré-modernas.
- 9- A investigação dos discursos que serviram para justificar a subordinação dos estados-nação pós-coloniais por meio da implantação de capital internacional durante os séculos XIX e XX.
- 10- A crítica a ideia e a lógica segundo as quais se assume que a Europa e os países do norte são mais desenvolvidos/superiores em todos os sentidos e que os modos de vida adotados no ocidente são superiores e devem ser ensinados e adotados por todos os povos do mundo.
- 11- A contestação das dicotomias civilização/barbárie; desenvolvimento/subdesenvolvimento; ocidental/não ocidental; ocidente/oriente (West and Rest). Apesar de compartilharem esses aspectos na crítica que realizam aos modos como o colonialismo se perpetua nas sociedades modernas e pós-modernas, os grupos divergem sobre o viés que devem assumir na construção de suas análises.

O *postcolonial studies*, formando basicamente por pesquisadores das ciências humanas das áreas da literatura, linguística, filosofia, enfatiza os discursos, ou o discurso colonial. Observaram a agencia cultural dos sujeitos. Observam que o sistema mundo moderno/colonial é um sistema no qual há e se deve buscar significações culturais para a compreensão de todos os tópicos elencados acima e para a análise dos discursos construídos sobre nós e os outros. Isso os aproxima dos *cultural studies*. Podemos observar que autores como Stuart Hall, Homi Bhabha, entre outros, fazem a crítica a colonialismo a partir de uma perspectiva dos *cultural studies*.

Esses autores avaliam que:

discursos sobre el otro' son un elemento *sobredeterminante* de las relaciones económico-políticas del sistema capitalista, y que la lucha por la hegemonía social y política del sistema pasa necesariamente por el control de esos códigos semióticos. Para ellos, las relaciones económicas y políticas no tienen sentido en sí mismas, sino que *adquieren sentido* para los actores sociales desde espacios semióticos específicos (o 'epistemes'). (Castro-Gómez & Grosfoguel, 2007: 16).

Por outro lado, os teóricos latino-americanos são oriundos das ciências sociais e da economia. Para esses, as estruturas econômicas devem ser enfatizadas. Focalizam os modos como a incessante acumulação do capital em escala mundial determinam realidades. Todos os processos simbólicos (discursos, epistemologias) seriam derivados dos processos de acumulação do capital.

Isso se deveria do que Quijano e Wallerstein (1992) denominam como sistema mundo capitalista moderno/colonial que sustenta a Modernidade desde sua criação no século XVI até os dias atuais e que foi alicerçado em quatro pilares: a colonialidade, etnicidade, racismo e o conceito de novidade (*newness*). Esses sistemas se mantem atuante sob a forma de hierarquias entre o mundo europeu e o mundo não europeu. Esse enfoque os aproxima de autores que criticam o desenvolvimentismo ou que fizeram parte de grupos de estudos sobre a teoria da dependência (Quijano, inicialmente, teria feito parte desse grupo de estudiosos).

Contudo, Castro-Gómez e Grosfoguel (2007) observam que em ambos os lados pode haver reducionismos.

El hecho es que los teóricos del sistema-mundo tienen dificultades para pensar la cultura, mientras que los teóricos anglosajones de la poscolonialidad tienen dificultades para conceptualizar los procesos político-económicos. Muchos investigadores del sistema-mundo reconocen la importancia del lenguaje y los discursos, pero no saben qué hacer con ellos o cómo articularlos al análisis de la economía política sin reproducir un economicismo vulgar. De igual forma, muchos investigadores del poscolonialismo reconocen la importancia de la economía política, pero no saben cómo integrarla al análisis cultural sin reproducir un culturalismo vulgar. De este modo, ambas corrientes fluctúan entre los peligros del reduccionismo económico y los desastres del reduccionismo culturalista. (Castro-Gómez & Grosfoguel, 2007: 16).

É nessa lacuna que a terceira corrente, a dos estudos decoloniais ou da colonialidade do poder se insere. Para os estudiosos que assumem a lógica da colonialidade de poder, é essencial considerar o entrelaçamento entre economia, política e cultura.

O conceito de colonialidade do poder além de explicitar o modo como as Américas foram inventadas (como um continente novo que deveria ser tutelado) e espoliadas pelo sistema mundo capitalista/moderno/colonial, também explica como as estruturas de poder se atualizam por meio da articulação de novas formas de hierarquizações alicerçadas em torno da exploração dos sujeitos racializados. Avalia como essas hierarquizações e se reproduzem nas dimensões de poder, saber e ser por meio do controle da economia, de quem possui autoridade, controle dos recursos naturais, das relações de gênero, da sexualidade, da subjetividade e do conhecimento (Ballerstrin, 2013: 100).

Os autores desse grupo avaliam que os estudiosos das duas vertentes anteriores consideraram que seria possível entender o capitalismo sem compreender ou sem levar em conta “como los *discursos raciales* organizan a la población del mundo en una división internacional del trabajo que tiene directas implicaciones económicas: las ‘razas superiores’ ocupan las posiciones mejor remuneradas, mientras que las ‘inferiores’ ejercen los trabajos más coercitivos y peor remunerados. Es decir que, al igual que los estudios culturales y poscoloniales, el grupo modernidad/colonialidad reconoce el papel fundamental de las epistemes, pero les otorga un estatuto económico, tal como lo propone el análisis del sistema-mundo”.(Castro-Gómez & Grosfoguel, 2007: 16).

Ou seja, não se trataria de reduzir as consequências do colonialismo a esferas exclusivamente culturais ou econômicas ou mesmo geoculturais, mas sim de avaliar o modo como essas categorias se entrelaçam e devem estar entrelaçadas nas avaliações dos desdobramentos dos poderes coloniais.

Quijano já nos alertava para o fato de a América Latina ter sido constituída por meio de uma estrutura de poder colonial e global tendo a Europa como centro e lócus de controle desse poder

alicerçado em torno da categoria “raça”. “O novo sistema de dominação social teve como elemento fundador a ideia de raça. Esta é a primeira categoria social da modernidade” (Quijano, 2005, s/p).

Criadas essas categorias, os sujeitos passam a se relacionar por meio delas. Aqueles que outrora foram ashantis, bacongos, congos, iorubas, zulus, após a racialização, passam a ser designados somente como ‘negros’. Quijano avalia que o sequestro e a escravização e a violência da racialização resultaram na destruição da subjetividade desses povos e também foi responsável pela destruição e apagamento gradativo da experiência e da memória que possuíam de suas sociedades, dos modos como se relacionavam de como as relações se estabeleciam. O autor enfatiza que o etnicismo e o racismo foram inicialmente produzidos na América, mas depois, foram reproduzidos em todo o mundo como um modo de assegurar as relações de poder da Europa em relação ao todo o resto do mundo.

Sendo assim, os autores do grupo modernidade/colonialidade consideram a importância de se observar que o mundo não foi completamente descolonizado. Apontam para um processo de descolonização por meio da qual, a partir do século XIX, se garantiu a independência jurídico-política das ex-colônias. Mas ainda seria necessário um processo de decolonização. Esse processo de decolonização visaria eliminar as múltiplas hierarquias que ainda existem associadas as relações raciais, étnicas, de gênero, sexuais, mas também epistemológicas, culturais e econômicas que a processo de descolonização teria deixado intactas. “...el mundo de comienzos del siglo XXI necesita una *decolonialidad que complemente la descolonización* llevada a cabo en los siglos XIX y XX. Al contrario de esa descolonización, la decolonialidad es un proceso de resignificación a largo plazo, que no se puede reducir a un acontecimiento jurídico-político.” (Grosfoguel, 2005:17).

O mais interessante nessa análise é que ela nos convida a pensar e a criar novas categorias por meio das quais possamos compreender o mundo no qual vivemos. Categorias e conceitos não associadas às ciências do século XIX e que foram criadas para pensar um mundo atrelado às necessidades das diferentes formas de colonização. Então, o grupo modernidade/colonialidade, além de criticar os reducionismos de ambas as vertentes críticas dos estudos pós-coloniais anglo saxão e latino-americano, ainda considera que lhes faltaria o empenho no processo de decolonização essencial para a análise mais aprofundada como também para a construção e a abertura de novas possibilidades de reflexão, criação e existência.

Temos que desenvolver novas linguagens e novas ciências que possam explicar a interfaces presentes no sistema-mundo capitalista patriarcal moderno colonial. Encontrar novos conceitos, linguagens, ideias que nos permitam pensar o quão complexo é o nosso mundo e o lugar que ocupam as hierarquias associadas ao gênero, raça, classe, sexualidade, conhecimento, espiritualidade. Esses autores nos falam em cruzamento entre processos geopolíticos, geoculturais, geoeconômicos e ao mencionar a espiritualidade, em processos que atingem a subjetividade como também está subjugada nas diferentes formas de produção/reprodução do sistema-mundo.

Sendo assim, os autores estimulam a busca por formas não ocidentais de conhecimento, por paradigmas não decorrentes das ciências criadas no Ocidente e que permitam a reflexão sobre a ligação de tudo com tudo, de modo complexo. Esse seria o maior desafio proposto por esse grupo dentro dos estudos pós-coloniais (mesmo que eles se considerem dissidentes). Nada melhor do que observar como eles falam sobre si próprios ao definir o enfoque que desejam oferecer à crítica pós-colonial.

El concepto ‘decolonialidad’, que presentamos en este libro, resulta útil para trascender la suposición de ciertos discursos académicos y políticos, según la

cual, con el fin de las administraciones coloniales y la formación de los Estados-nación en la periferia, vivimos ahora en un mundo descolonizado y poscolonial. Nosotros partimos, en cambio, del supuesto de que la división internacional del trabajo entre centros y periferias, así como la jerarquización étnico-racial de las poblaciones, formada durante varios siglos de expansión colonial europea, no se transformó significativamente con el fin del colonialismo y la formación de los Estados-nación en la periferia. Asistimos, más bien, a una *transición del colonialismo moderno a la colonialidad global*, proceso que ciertamente ha transformado las formas de dominación desplegadas por la modernidad, pero no la estructura de las relaciones centro-periferia a escala mundial. Las nuevas instituciones del capital global, tales como el Fondo Monetario Internacional (FMI) y el Banco Mundial (BM), así como organizaciones militares como la OTAN, las agencias de inteligencia y el Pentágono, todas conformadas después de la Segunda Guerra Mundial y del supuesto fin del colonialismo, mantienen a la periferia en una posición subordinada. El fin de la guerra fría terminó con el colonialismo de la modernidad, pero dio inicio al proceso de la colonialidad global. (Castro-Gómez & Grosfoguel, 2007: 13).

Vimos que a crítica pós-colonial se faz por meio da intrusão da diferença, do descentramento, do deslocamento, da crítica aos discursos normativos, pelo ato de re-narrar a história deslocando o centro para as periferias e para as margens. E que os autores dos três grupos, quer europeus quer latino americanos entendem que parte dessa crítica deve se voltar para a investigação sobre os modos de produção e reprodução das desigualdades entre os gêneros e das hierarquias raciais.

Na próxima seção, apresento um exemplo de estratégias de antirracismo construídas a partir de críticas feitas por estudiosas do pós-colonial na perspectiva do feminismo negro.

II. Estratégias Feministas, Decoloniais e Antirracistas

Se a colonialidade do poder é algo que revela como a produção colonial se estabelece por meio do pensar, sentir, falar, a ruptura com esse padrão colonial implica a destruição do discurso que reitera essa estrutura colonial e da colonialidade.

Para Maldonado-Torres (2007), “la aspiración fundamental de la descolonización consiste en la restauración del orden humano a condiciones en las cuales los sujetos puedan dar y recibir libremente, de acuerdo con el principio de la receptividad generosa” (p. 155). Isso seria realizar um giro de-colonial (Castro-Gómez, & Grosfoguel, 2007) liberando corpo, mente e instituições sociais e políticas das amarras da colonialidade.

Como fazê-lo? Descolocando o olhar do centro para as margens. É preciso que as práticas opressivas sejam desnudadas por novas produções de conhecimento como demonstrado por Oliveira, Meneguel e Bernandes (2009) e Santos (2002ab, 2004, 2008, 2013), Carone e Bento (2002), entre outras, mas, também, as histórias dos povos negros (e, neste caso especificamente das mulheres negras, as mais vulneráveis como demonstrado acima), precisam ser contadas, descobertas e compreendidas.

Wane descreve estratégias do feminismo negro contra o discurso colonial apoiadas na compreensão do modo que mulheres negras encontraram para lidar com as humilhações sofridas, o modo com superaram e compreenderam como essas experiências podem orientar as transformações sociais e as políticas públicas. Essas teorias ampliam e aprofundam a análise histórica e social das mulheres de ascendência africana; expõe a multiplicidade de opressões e desconstrói o pensamento neoliberal (Wane, 2008, 2009).

Vimos que, para essa compreensão também é necessário considerar que toda narrativa opressiva está inscrita no campo das heranças e atualizações das práticas colonialistas. A análise do discurso da colonialidade do poder nos auxilia a compreender o lugar da raça, do racismo na estruturação das sociedades pós-coloniais e o modo como esse sistema mundo operou e continuou operando para manter as hierarquias entre a Europa e o Resto do Mundo (Hall, 1992), entre brancos e negros, homens e mulheres. Contudo, se apegar a esse discurso como ponto de partida e ponto de chegada nós impede de fazer o giro de-colonial que nos permitirá pensar a partir de outros lugares.

Em que medida podemos desconstruir essa tópica? Como fugir dos essencialismos que nos tem definido? Parafraseando Mignolo (1993, 2007), a categorização racial é essencial para pensar as desigualdades e as consequências do racismo dentro do sistema mundo capitalista-moderno colonial, mas não é essencial para pensar. É preciso fazer falar aqueles que estão nas margens do mundo.

Neste sentido, as soluções de enfrentamento do racismo propostas por Wane e pelos estudos pós-coloniais, decoloniais em perspectiva feminista são essenciais.

Os estudos pós-coloniais, decoloniais em uma perspectiva feminista revelam um quadro teórico que ilustra as experiências históricas, sociais, políticas, culturais e econômicas das mulheres negras que assumem uma ótica diaspórica, internacional, já que se apoia no estudo das narrativas de mulheres negras imigrantes, residentes, de diferentes partes da África, mas também se apoia no estudo das teorias desenvolvidas por autores que se debruçaram sobre o tema gênero e raça em diferentes países. Assim, trazem o conhecimento de povos não ocidentais com outras epistememas e outros paradigmas.

A partir destas experiências focalizadas na sabedoria, habilidades e esforços de mulheres negras, Wane definiu os princípios fundamentais do feminismo negro desenvolvido como sendo: a organização, o coletivismo, a resistência, o respeito mútuo, a produção de conhecimento, o armazenamento do conhecimento, divulgação da cultura, a reciprocidade, a auto-determinação, resiliência, cuidados com a comunidade, maternagem, fortalecimento mútuo, auto-confiança e espiritualidade.

Wane acredita que o termo “mulheres negras” captura uma heterogeneidade e diferenças complexas e dizem respeito a todas as mulheres negras que vivem em uma sociedade racializada e multicultural. Nessas sociedades, há uma intersecção de opressões em um espaço predominantemente branco, eurocentrado onde as mulheres negras são praticamente invisíveis.

Segundo Wane, nos últimos anos, pesquisadores têm teorizado sobre esse tema produzindo trabalhos que ilustram as descobertas que fizeram no sentido de compreender os desafios necessários para o enfrentamento do racismo, do classicismo dentro dos movimentos feministas tradicionais, e para compreender o sexismo e a homofobia dentro das comunidades negras. Também para compreender como o nacionalismo, o fundamentalismo religioso, a política de imigração, seguem parâmetros discriminatórios; compreender os privilégios associados à branquidade e a exploração econômica que são transversais a todos os fenômenos descritos acima

(Brand, 1991; Carty, 1991, 1993). Essas reflexões ilustram e analisam os cruzamentos e multidimensionalidade da opressão e da liberdade e renunciem às teorias de libertação unidimensionais que incidem sobre o patriarcado ou a supremacia branca, ou a análise do capitalismo transnacional ou da homofobia, como fenômenos isolados.

Uma das características distintivas do pensamento feminista negro (cf. COLLINS, 1990, 2000a, 2000b) é ressaltar que a mudança na consciência dos indivíduos é tão essencial para a transformação social das instituições políticas e econômicas quanto quaisquer outras. O autoconhecimento e o fortalecimento de estruturas subjetivas são importantes para a construção de sociedades justas e sem desigualdades. Por isso, os princípios assumidos pelas feministas negras em suas práticas antirracistas revelam uma preocupação ética que, quando assumidas, transformam as ações antirracistas de modo radical. Para Wane, foram os anos submetidos às práticas colonialistas que afastaram os negros e negras daquilo que, outrora, orientava as práticas comunitárias dos povos africanos hoje chamados 'negros'. Elas sinalizam para a urgência em se inventar novos modos de agir e pensar contra essas formas de opressão redescobrimo as categorias criadas nas comunidades negras tradicionais antes que as normas coloniais e opressivas tivessem lugar.

Referências Bibliográficas

- Anderson, Benedict. (2008). *Comunidades imaginadas*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Ballestrin, Luciana. (2013). "América Latina e o giro decolonial". *Rev. Bras. Ciênc. Polít.*, 11, pp. 89-117. Acessado em 12 de Janeiro de 2019, de: <http://www.scielo.br/pdf/rbcpol/n11/04.pdf>
- Brand, Dionne. (1991). No Burden to Carry: Narratives of Black Working Women in Ontario 1920s to 1950s (excerpts). Em Dionne Brand. *No Burden to Carry Narratives of Black Working Women in Ontario 1920s to 1950s*. (pp. 20-28). Toronto: Women's Press.
- Carone, Iray., & Bento, Maria Aparecida. (2002). *Psicologia Social do Racismo*. Petrópolis: Vozes.
- Carty, Linda., & Brand, Dionne. (1993). Visible Minority Women: A Creation of the Canadian State. Em Himani Bannerji. *The Gaze: Returning the Gaze, Essays on Racism, Feminism and Politics*. (pp. 207-222). Toronto. Sister Vision Press: Black Women and Women of Colour Press.
- Carty, Linda. (1991). Black Women in Academia: A Statement from the Periphery. Em Himani Bannerji e cols. *Unsettling Relations: The University as a Site of Feminist Struggle*. Ed. (pp-13-41). Toronto: Women's Press.
- Castro-Gómez, Santiago., & Grosfoguel, Ramón. (coords.) (2007). *El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistêmica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Siglo del Hombre, Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos, Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar. Acessado em 17 de maio de 2019, de: https://www.academia.edu/1832666/El_pensamiento_decolonial_desprendimiento_y_apertura_Un_manifiesto
- Collins, Patricia Hill. (2000a). The Social Construction of Black Feminist Thought, Em: *Black Feminist Thought: Knowledge, Consciousness and the Politics of Empowerment*. (pp. 1-21). Nova Iorque: Routledge.
- Collins, Patricia Hill. (2000b). Black Women and Motherhood. Em *Black Feminist Thought: Knowledge, Consciousness and the Politics of Empowerment*. (pp. 173-200). Nova Iorque: Routledge.
- Collins, Patricia Hill. (1990) *Black Feminist Thought*. New York: Routledge.
- Fanon, Frantz. (1983). *Pele Negra. Máscaras Brancas*. Rio de Janeiro: Fator.
- Fanon, Frantz. (2006). *Os condenados da terra*. Juiz de Fora: EUFJF.
- Hall, Stuart. (1992) The West and the Rest: Discourse and Power. Stuart Hall., & Gieben, Bram. (eds.) *Formations of Modernity. Understanding Modern Societies an Introduction*. (pp. 275-331). Open University/Polity Press.
- Hall, Stuart. (2003). *Diáspora*. Belo Horizonte: Humanitas
- Hall, Stuart. (2004). *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A.
- Maldonado-Torres, Nelson. (2007). Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de um concepto. Em Santiago Castro-Gómez., & Ramón Grosfoguel. (Orgs.) *El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistêmica más allá del capitalismo global*. (pp. 127-167). Bogotá: Siglo del Hombre, Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos, Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar. Acessado em 17 de maio de 2019, de:

- https://www.academia.edu/1832666/El_pensamiento_decolonial_desprendimiento_y_apertura_Un_manifiesto
- Mignolo, Walter. (1993). Colonial and postcolonial discourse: cultural critique or academic colonialism?. *Latin America Research Review*, 28 (3): 120-134. Acessado em 11 de maio de 2019, de: https://ailleurs.hypotheses.org/files/2016/09/Mignolo_Colonial-and-Postcolonial-Discourse-Cultural-Critique-or-Academic-Colonialism.pdf
- Mignolo, Walter. (2007). El pensamiento decolonial: desprendimiento y apertura. Un manifiesto. Em Santiago Castro-Gómez., & Ramón Grosfoguel. (coords.). *El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistêmica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos, Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar. Acessado em 17 de maio de 2019, de: https://www.academia.edu/1832666/El_pensamiento_decolonial_desprendimiento_y_apertura_Un_manifiesto
- Oliveira, Maria., Meneghel, Stela., & Bernardes, Jefferson. (2009). Modos de subjetivação de mulheres negras: efeitos da discriminação racial. *Psicologia & Sociedade*, 21(2), 266-274. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822009000200014>
- Quijano, Anibal. (2000). Colonialidad del poder y clasificación social. *Journal of world-systems research*, 11(2), 342-386. Acessado em 24 de junho de 2019, de: <https://doi.org/10.5195/jwsr.2000.228>
- Quijano, Anibal. (2005). Dom Quixote e os moinhos de vento na América Latina. *Estud. Avançados*, 19(55), 9-31. Acessado em 24 de junho de 2019, de: <https://doi.org/10.1590/S0103-40142005000300002>
- Quijano, Anibal., & Wallerstein, Immanuel. (1992). Americanity as a concept, or the Americas in the modern world-system. *International Social Science Journal*, 44(4), 549 - 557. Acessado em 16 de março de 2019, de: <https://www.javeriana.edu.co/blogs/syie/files/Quijano-and-Wallerstein-Americanity-as-a-Concept.pdf>
- Santos, Gislene Aparecida. (2002a). Selvagens, exóticos, demoníacos: ideias e imagens sobre uma gente de cor preta. *Estudos Afro-asiáticos*, 24(2), 275-289. Acessado em 24 de junho de 2019, de: <https://doi.org/10.1590/S0101-546X2002000200003>
- Santos, Gislene Aparecida. (2002b). *A invenção do ser negro*. São Paulo-Rio de Janeiro: EDUC-PALLAS-FAPESP.
- Santos, Gislene Aparecida. (2004). *Mulher negra. Homem branco*. Rio de Janeiro: Pallas.
- Santos, Gislene Aparecida. (2012). *Reconhecimento, utopia, distopia*. São Paulo: Annablume/FAPESP.
- Santos, Gislene Aparecida. (2008). Racism and Its Masks in Brazil. Em Jerome Branche. (Ed.). *Race, Colonialism, and Social Transformation in Latin America and the Caribbean*. Gainesville: University Press of Florida.
- Santos, Gislene Aparecida. (2013). Eichmann, o Racismo Institucional e as Políticas Públicas: reflexões sobre o PIMESP e outras políticas. *Revista Gestão & Políticas Públicas*, 3(1), 113-131. Acessado em 21 de Agosto de 2019, de: <https://www.revistas.usp.br/rgpp/article/view/97889>
- Spivak, Gayatri C. (2010). *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora UFMG. Acessado em 30 de fevereiro de 2019, de: <https://joaocamillopenna.files.wordpress.com/2013/10/spivak-pode-o-subalterno-falar.pdf>

- Young, Robert. (2008). *Postcolonialism. An Historical Introduction*. Padstow: Blackwell Publishing. Acessado em 30 de fevereiro de 2019, de: <https://pt.scribd.com/document/394696993/Robert-J-C-Young-Postcolonialism-an-Historical-Introduction-Wiley-Blackwell-2001>
- Wane, Njoki. (2008). Mapping the field of Indigenous knowledges in anti-colonial discourse: a transformative journey in education. *Race Ethnicity and Education*, 11(2),183-197. Acessado em 21 de Agosto de 2019, de: <https://doi.org/10.1080/13613320600807667>
- Wane, Njoki. (2009). Black Canadian feminist thought: perspectives on equity and diversity in the academy, *Race Ethnicity and Education*, 12(1), 65-77. Acessado em 21 de Agosto de 2019, de: <https://doi.org/10.1080/13613320802650964>

Recebido em 22/01/2019.
Revisado em 23/05/2019.
Aceito em 03/07/2019.